

MOEDAS DE COBRE PARA S. TOMÉ E PRÍNCIPE

POR JOSÉ ALVES DAS NEVES

Li, com o interesse que sempre me merecem os escritos sobre NUMISMÁTICA, os estudos que sob este título foram publicados nos números 5 e 11/12 de NVMMVS, desta vez redobrado pelo conhecimento geral da alta competência e probidade intelectual das individualidades que os subscrevem.

Rendo, antes de começar, as minhas sinceras homenagens aos ilustres estudiosos, Ex.^{mos} Senhores Eng.^o Raul da Costa Couvreur e Kurt Prober.

Não pretendo, é natural, intrometer-me num assunto de tanto interesse como este, já que não tenho à disposição um «Tombo» recheado de documentos prenhes de informações — a nossa cidade conta 45 anos de existência, e não vieram parar às minhas mãos — providencialmente — documentos que deem qualquer luz sobre o assunto.

Antes, eu pretendo unicamente fazer uma comunicação à S. P. N. e se algum proveito ela tiver, ou alguma coisa ela esclarecer, será motivo para minha muita satisfação.

*

Pessoa amiga, residente até há pouco a 400 Kms. daqui, mudou-se, recentemente, para esta cidade.

Nos raros encontros que antes tivemos, não se proporcionou jamais falar de moedas, até que há poucos meses a ocasião apareceu.

Soube então, que também ele era dado a coisas da Numismática, tendo especial predilecção pelas peças de ouro e prata e completa indiferença pelos metais pobres.

Foi assim que ele pôs à minha disposição uma caixa com inúmeras moedas destes metais, onde eu «poderia escolher à minha vontade, e deveria pagar as moedas escolhidas com outras de prata».

A quase totalidade destas moedas era sem interesse, mas desde logo a minha atenção foi despertada por umas peças velhas e cobertas de aderências terrosas.

Esgotada a caixa verifiquei que elas eram em número de 39.

Era evidente que estas moedas estiveram enterradas durante largos anos, aliás, ao receber a caixa, ouvi do meu amigo: «há aí umas «Macutas» antigas, que um velhote há muitos anos falecido me deu, dizendo-me que um preto as encontrara enterradas».

Pena foi que o 1.º dador tenha já deixado o número dos vivos, que, certamente, alguma informação de valor levou consigo.

Porém, o meu amigo considera que o conjunto se mantém intacto, isto é, tal como fora achado. O seu desinteresse o levava a não mexer na caixa durante todos estes anos, onde raramente acrescentava qualquer exemplar.

À primeira vista, o conjunto se me apresentou como sendo aquele que poderia ter algum interesse para os estudos já citados, e cuja distribuição é a seguinte, pelas eras respectivas:

1813	8 peças	
1815	1 »	
1819	12 »	
1821	11 »	
1825	<u>7</u> »	39 peças

Uma observação mais cuidada permitiu-me a seguinte classificação:

80 réis	1813	(4 variantes)	. .	7 peças	
	1819		. .	2 »	
	1825	(4 variantes)	. .	<u>6</u> »	15 peças
40 réis	1815		. .	1 peças	
	1819	(3 variantes)	. .	9 »	
	1821	(Baía)	. .	3 »	
	1821	(Lisboa-2 variantes)	. .	8 »	
	1825		. .	<u>1</u> »	22 peças
20 réis	1813		. .	1 peça	
	1819		. .	<u>1</u> »	<u>2</u> peças
					39 peças

Estas moedas circularam e foram adquiridas em S. Tomé e Príncipe na época em que ali corriam legalmente, o que ressalta do seguinte:

- 1.º — Todas as moedas mencionadas (excepção feita às de 1819) foram cunhadas expressamente para circularem em S. Tomé e Príncipe — no que estão de acordo os Ex.^{mos} Senhores Costa Couvreur e Prober;
- 2.º — A mão de obra indígena para aquela Província tem sido recrutada em Angola.

Como esclarecimento deste último ponto, acrescentarei que todo o trabalhador que é recrutado em Angola e dela sai, fica sujeito a um grande número de espoliações pelo que, no caso presente, o trabalhador que conseguiu economizar, na época provável em que o facto se deu, 2\$120 réis, vinha de posse de uma pequena fortuna — considerando a exigência das suas necessidades.

Ora ele sabia que, mal desembarcasse, ficaria sujeito a ficar sem o seu pecúlio (os modos diversos, não vêm ao caso), pelo que, mal se achou em terra, talvez mesmo ainda na praia, escondeu na areia a sua fortuna, que desenterraria quando estivesse desembaraçado das peias burocráticas e tivesse feito constar que vinha na penúria.

Por qualquer imponderável, o trabalhador não mais voltou ao local exacto.

Posto isto, creio poder afirmar — para mim é profissão de fé — *que todas estas moedas representam os salários pagos por um «roceiro» de S. Tomé ao trabalhador de Angola que o serviu.*

A inclusão de 30 % de moedas de 1819, talvez seja uma prova de que as moedas desta era (em 20, 40 e 80 réis) não foram ali parar esporadicamente, em exemplares isolados, mas constituíam *moeda corrente*.

Note-se que de todas as eras representadas neste numofilácio, é precisamente a de 1819 que conta maior representação, sendo a que mais se lhe aproxima a de 1821, que inclui duas emissões — Lisboa e Baía.

Será que alguma luz se derramou sob o ponto ainda obscuro da remessa da emissão de 1819 de... (Rio de Janeiro ou Baía) para S. Tomé e Príncipe?

A única coisa que sobre o assunto me resta acrescentar, é a suposição acerca da época provável em que se deu o enterramento.

Em 39 moedas, somente duas se encontram carimbadas, com a pequenina e conhecida coroa — 80 réis de 1813 e 40 de 1819 —, logo, não poderá ter sido antes de 3/11/1854.

A ausência de moedas de D. Luís, cobre de 1874, que em quantidade veio para S. Tomé, leva-me a supor que foi antes desta data.

Lógicamente pois, o enterramento deve ter sido feito naquele espaço de pouco menos de vinte anos, que eu, dado o pequeno número de moedas

carimbadas, sou levado a crer que o pagamento que com elas se fez, deve ter ocorrido muito próximo da época em que estariam a ser cumpridas as disposições da Portaria de 3 de Novembro de 1854.

*

Acima, ao discriminar as espécies monetárias encontradas, falei em variantes. Elas são notadas no número de pérolas, nos escudos, legendas (tipo), coroas, etc., que, por as achar mais ou menos conhecidas, não merecem citação especial.

Uma há, contudo, que parece merecer essa citação: o 40 réis de 1821.

Pelo número de pérolas—61—, tipo da legenda, esfera, valor e data, parece ser de Lisboa, mas difere um pouco na coroa e escudo e, *sobretudo*, não gira no eixo vertical, nem tampouco no horizontal. Os dois eixos—do anverso e reverso—, fazem entre si um ângulo de 18°.

O diâmetro é igual, sendo o peso ligeiramente inferior, mas há a considerar que esta acusa muito mais uso do que as outras. Está também sensivelmente descentrada.

Estarei em presença duma falsificação? Se o é, o seu curso foi aceite durante largos anos.

Nova Lisboa, Fevereiro de 1958.

A análise química dos resíduos resultantes da lavagem das moedas—aderências apanhadas no enterramento—, acusa forte doseamento de «cloretos», o que confirma a hipótese dum enterramento precipitado, na praia. Recorde-se que, ainda hoje, em Benguela, os barcos ficam ao largo.